

Traço o passo Que geração é essa?

Trace the step

What generation is this?

Elziane O. Dourado (Ziza D)* 

Apresentar o trabalho artístico de Regina Marconi exige necessariamente um olhar atento sobre a geração da qual faz parte. Uma geração que tanto se implicou e se implica com questões afeitas ao povo brasileiro e à política como parte constitutiva e imprescindível ao seu modo de pensar, viver e intervir no mundo.

Estreitamente vinculada às questões de seu tempo, a geração simbolicamente representada aqui pela artista Regina Marconi tem muito ainda a contribuir para o Brasil e a compreensão da sociedade e do Serviço Social hoje. É representativa de uma vanguarda atuante que impôs a sua voz junto a outros setores da sociedade brasileira contra a barbárie do capital, contra a execução sistemática, como política de Estado, daqueles que produzem, mas não usufruem da riqueza social. Mulheres que, sem pedir licença, enfrentaram o discurso conservador monossilábico da profissão, que desde suas origens reiterou interesses hegemônicos sob um ideário cristão moralista, uma posição asséptica de “neutralidade científica”, uma subalternidade intelectual que validou ao longo de décadas a domesticação dos corpos pelo capital e sua legitimação ideo-política de controle e ajustes à ordem. Geração combatente que, embora minoritária na categoria profissional, sempre impulsionou com sua rebeldia, liberdade e lutas políticas outras tantas gerações, colocando-se frontalmente em colisão com o conservadorismo, até então majoritário na profissão. Convém dizer que esses enfrentamentos perpassaram também o espaço privado, as lutas políticas culturais com ressonâncias, até agora pouco conhecidas entre nós.

Indo muito além das questões umbilicais da profissão, construíram os fundamentos e mediações necessárias para a compreensão da formação social latino-americana, já tendo como horizonte o inter-

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: zizadourado@gmail.com.

Como citar: DOURADO, E. O.. Traço o passo. Que geração é essa?. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 52, p. 259 - 275, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2023.76131>

Recebido em 15 de abril de 2023.

Aprovado para publicação em 25 de abril de 2023.



nacionalismo; por isso mesmo, se articularam nessa base para “virar a mesa” da história profissional. Ferrenhas anti-imperialistas, anticolonialistas, antifascistas, “feministas” e mirando sempre a emancipação humana como horizonte utópico, sofreram, cada uma a seu modo, as sangrentas batalhas impostas pelas ditaduras de nosso continente, sendo profundamente marcadas pela supressão da liberdade em seu sentido mais radical.

No entanto, criaram experiências sociais e políticas no campo profissional em meio à barbárie; resistiram com sua alma latino-americana; construíram novos espaços políticos e inovaram mais uma vez, seja na formação profissional, seja na organização da categoria ou no trabalho profissional, provocando profundas transformações e rupturas que reverberam, ainda hoje, no Serviço Social.

Que geração é essa que colocou por terra a inconsistência teórica e o alinhamento político reacionário da profissão, a desprezível e vil ditadura civil-militar em nosso país, destituindo seus representantes e assumindo publicamente o protagonismo que já estava sendo construído desde a década anterior? Que geração é essa que alia as preocupações políticas e sociais à vida cultural em todas as suas expressões? Que sabe as particularidades das palavras, imagem e som, sem confundir com os ismos contemporâneos? Que mantém uma interlocução intergeracional fecunda ainda hoje na profissão e em outros territórios profissionais? Que em seus percursos e trajetórias é incansável na luta pela transformação da sociedade e pela emancipação humana?

Regina Marconi traz para nós, nesta seção de mostra, seus trabalhos artísticos, cujos elementos revelam experimentações no campo da arte, mas traz, sobretudo, um olhar atento às questões de nosso tempo e, mais uma vez, participe de um projeto coletivo de resistência e luta. Ultrapassando as histórias individuais, embora se constitua através destas, revela o que de fato interessa nestes tempos em que o fascismo tupiniquim encanta multidões... a barbárie do capital, o genocídio como política de Estado sobre os povos pretos, originários, pobres e trabalhadores. Enfim, as imagens que se seguem convidam o leitor a uma história coletiva e aos aspectos particulares de nossa época, mas sobretudo à história das mulheres no Serviço Social que ousam manter suas utopias dentro e fora do quadro.

Traço o passo

Trace the step

Regina Marconi**

Desde 1993, quando comecei a fechar gavetas e portas para me dedicar a novos caminhos por entre as alamedas do Parque Lage¹, me permiti tecer um novo chão onde novos códigos precisaram ser aprendidos, onde novos rostos e histórias passaram a ser referências para mim. Muitos foram os trabalhos de arte realizados e expostos desde então, entre nove individuais e 44 coletivas, no Brasil e no exterior.

Entre lápis, pincéis, tinta, grafite e carvão sobre tela, papelão, jornais, acrílicos, etiquetas autoadesivas, fotografias antigas e/ou veiculadas pelas primeiras páginas da mídia impressa e algumas vezes digitalizadas e plotadas, construí um trabalho diverso, mas nele, entre outras, há uma poética que sempre transita entre a memória e o desassossego de quem se nega a naturalizar a opressão, a violência, o terror. É através dessa poética que apresento à *Em Pauta* parte desse meu fazer na arte.

Nessa construção tenho duas expectativas principais, interromper o ritmo frenético da vida cotidiana com o convite ao olhar e, de alguma forma, emocionar o espectador, retirá-lo da situação na qual fatos extraordinários são tratados como naturais e tornados descartáveis pelo volume e pela insistência com que acontecem e são divulgados. Fixar a imagem desses fatos e contextualizá-los com a dramaticidade social que carregam, torná-los perenes pelo registro e pela emoção que provocam é o que procuro.

Nesse sentido, a interação com o público é algo que considero fundamental. Poderia rumar em direção a questões intrínsecas à arte, reconheço que elas existem no meu trabalho, mas não são lugar de chegada; são meios que utilizo para estabelecer uma cumplicidade com aquele que estanca o andar para dar lugar ao olhar, sentir, pensar, se emocionar. O poema de Beatriz² demonstra esse meu desejo concretizado.

1 Localização da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, situada no bairro do Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

2 Beatriz Escorcio Chacon, formada em jornalismo pela UFF, é autora dos livros *Veios do corpo*, *Caderno de Clara Maria Joana*, *Uma história barriguda*, *Mesa posta*.

MOSTRA FOTOGRÁFICA

<https://doi.org/10.12957/rep.2023.76131>

**Carioca, artista visual, trabalha no Ateliê Pluralistas, assistente social formada pela Uerj, onde foi docente concursada e diretora da Faculdade de Serviço Social. Atuou basicamente nas políticas voltadas à habitação popular e militou no movimento sindical da categoria, tendo sido presidente do sindicato estadual, membro da coordenação nacional da Comissão Executiva Nacional de Entidades Sindicais de Assistentes Sociais (CENEAS) e presidente da Associação Nacional dos Assistentes Sociais (ANAS). E-mail: reginamarconi@uol.com.br.

Como citar: DOURADO, E. O.. Traço o passo. Que geração é essa?. *Em Pauta*: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 21, n. 52, p. 261 - 275, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2023.76131>

Recebido em 15 de abril de 2023.

Aprovado para publicação em 25 de abril de 2023.



© 2023 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Na manhã do dia que se seguiu à abertura da exposição *Na onda da Luz*³, recebi da amiga poetisa a mensagem: “Vai um poema para você, surgiu logo que voltei da exposição... foi assim estranho, intuitivo, instintivo, não sei explicar. Pra quê, né?”

Por que Alma de Artista
De um azul viageiro
Sabe das coisas do céu
Pintas feiuras dessa terra bandida.
Teu coração tão docemente Vermelho
Batuca pelas faces irmãs
Essas esquecidas implorando carinho
E assim vais sentindo e vivendo e pintando
dores e horrores
apelos
É o teu grito
Mas tuas próprias cores
– tramadas no branco do linho –
brincam ternamente por tuas tintas.
Não te surpreendas
Se em belo Momento
Brilhante
pintares Sonho Lilás
Entre delicadas florinhas.

Aí está! Uma emoção leva à outra. Na sala escura sob a luz ultravioleta, as tintas naquela exposição iluminaram, brilharam e, como se dá sempre nas salas de exposições sob luz branca, há tempo para ficar, sentir, relembrar outros ficares e outros sentires. O trabalho pode ser ignorado num primeiro olhar, que se desvia e segue. Pode ser capturado, aí o visitante estanca, quer entender, simplesmente sentir, mas mesmo assim se vai. Às vezes retorna, para um novo e outro olhar, e fica. O espectador passa a ser cúmplice no seu silêncio acrescenta significados, sentimentos, emociona-se, quer levar o trabalho consigo e às vezes o leva, precisa tê-lo por perto para si. Leva mais do que telas, papéis, tintas, cerâmica, pedra e aço, leva a criatividade, o sentir da alma do artista. Em outros momentos o espectador passa a poetar, criar mentalmente mais um risco, quebrar a continuidade de uma cor, diluir um pouco mais a tinta, mudar as nuances de um tom. E lá está aquele que pousa o olhar e, sem fazer um gesto, recebe e dá sem saber explicar.

3 Coletiva realizada no espaço expositivo do Ateliê Pluralistas, situado na Fábrica Bhering, Zona Portuária do Rio de Janeiro, no período de 28 jan./11 fev. 2023, iluminada exclusivamente com luz ultravioleta.

A expectativa a que me referi vem de longe, quando em 1975, em Madri, em frente ao *Três de maio de 1808*⁴, de Francisco de Goya, realizado em 1814, entendi que uma pintura pode ter uma força que transpõe séculos. Lá estava eu, em uma sala vazia no Museu do Prado, capturada por aquela cena de guerra, cujas imagens daqueles personagens em nada me agradavam. Capturada também fui anos depois pelo vídeo no Reina Sofía que mostrava Picasso finalizando *Guernica*⁵ em 1937.

Mais de cem anos se passaram entre a realização dessas duas obras de grandes dimensões e a violência da guerra se mantém quase que intacta na história. Tenho um trabalho denominado *Sem tempo e lugar*, realizado na série *A coisa imaginada*, no qual numa mesma imagem estão Cabul, Nova York e uma tela a óleo de 1941 de Paul Nasch⁶.

Nessa série, obras de arte se misturam a fotos das primeiras páginas de jornais, a arte se mistura à violência contemporânea utilizando instrumentos da atualidade, esculturas de gesso se amalgamaram a homens e mulheres cobertos pelo pó do desmoronamento das “Torres Gêmeas”. Separados por um século de lutas, na tela de Volpedo⁷, também em grandes dimensões, o passo da marcha dos trabalhadores italianos em 1901 é o mesmo dos afegãos na defesa de sua fronteira em 2001.

Ao pintar em acrílica a tela referente a Beslan, a Pietá é sugerida envolta em grandes olhos e lágrimas. Ficaram comigo para trabalhos posteriores os grandes olhos, as lágrimas e a Pietá de Michelangelo⁸, como tantas mães com seus filhos mortos aconchegados ao seu colo. As mães contemporâneas nos levam à poesia, de minha autoria, que acompanha os pequenos vidros que sombreiam a parede e juntam as fotos de três mulheres recorrentes no meu trabalho, a artista ainda menina, a de uma mãe em Beslan nas primeiras páginas dos jornais de todo mundo que acaricia o filho e a Pietá.

A menina,
A mulher,
a mulher de sempre
pedra
inteira aveludada.
O destino
nas mãos?
A dor,

4 Óleo sobre tela, 268cm x 347cm, 1814.

5 Óleo sobre tela, 349cm x 776,5cm, 1937.

6 *Totes Meer* (Mar Morto), óleo sobre tela, 101cm x 152,4cm, 1940/1941.

7 *Il quarto stato*, Giuseppe Pellizza da Volpedo, óleo sobre tela, 293cm x 545cm, 1901.

8 Escultura em mármore, 174cm x 195cm, 1499.

a dor de sempre,
o corpo inerte
no colo das mães,
das mães,
das mães inertes.
Inertes nós
quase sempre.

As guerras do passado que seguem neste século 21, em que as desigualdades estruturais geradas pela luta de classes permanecem embaladas na opressão, preconceitos, nas mortes à bala, à faca ou machadinha, pela fome, pela pandemia, levam meu desejo a ser mais explícito, a reverenciar a resistência incansável de homens e mulheres e trazer a náusea incontida de uma overdose de más notícias sem fim, cada vez piores. Encobertas pelo giz, feito pelo calcário de rochas sedimentares, que risca as lousas das salas de aula e que também continuam a cobrir corpos, ficam expostas para lembrar o que não conseguimos nem devemos esquecer.

Esses trabalhos não são realizados como um tema fechado no meu fazer artístico; existem outros, mas as notícias trágicas são provocadas por fatos que se me apresentam como inadmissíveis dentro de um contexto no qual a violência da guerra urbana parece se eternizar e genocídios deixam claro que marcas profundas permanecerão durante gerações.

Como diz o texto que acompanha o vídeo sobre o *Solo fecundo*: “Apesar do vírus alimentado por quem apostou na morte, apesar da morte que nos pega pelo chumbo da bala endereçada e certa ou fingida perdida já que atirada a esmo onde vida há, apesar do fogo, do corte do tronco, da tentativa de silenciar as origens, fecundo é o solo da dor e das sementes da resistência”.

O reconhecimento da resistência é meu respiro.



Da mão – 2003

Fotomontagem plotada / 35cm x 120cm

Imagens utilizadas: detalhe de foto da artista aos quatro anos de idade e sua mão escaneada em 2003.

Das linhas que estão traçadas entendo pouco, caminho.

Talvez por isso, por ter andares tão distintos, são diferentes os materiais achados nas minhas andanças.



Sem tempo e lugar – 2001

Fotos, colagem, plotagem e lápis aquarela / 49cm x 58cm

Imagens utilizadas: AFP. Jornal do Brasil, 1ª página, de 27 out. 2001, com a legenda: “outro galpão da Cruz Vermelha foi destruído em Cabul”. Reuters. Folha de São Paulo, A34, de 12 set. 2001, com a legenda: “Uma bandeira dos Estados Unidos permaneceu intacta em meio aos escombros do World Trade Center, depois dos atentados terroristas ocorridos ontem pela manhã em Nova York”. Paul Nash, *Mar Morto* – 1940, óleo sobre tela / 101,6cm x 152,4cm.



Em NY – 2001

Fotos, colagem plotagem e lápis aquarela / 60cm x 60cm

Imagens utilizadas: Reuters. Folha de São Paulo, página A31, de 12 set. 2001, com a legenda: “Homem caminha numa área próxima aos prédios do Wold Trade Center em Nova York”.
George Segal, *Times Square* – 1964, esculturas, materiais diversos / 175,2cm x 193cm.



Andarilhos – 2001

Fotos, colagem, plotagem e lápis aquarela / 25cm x 82cm

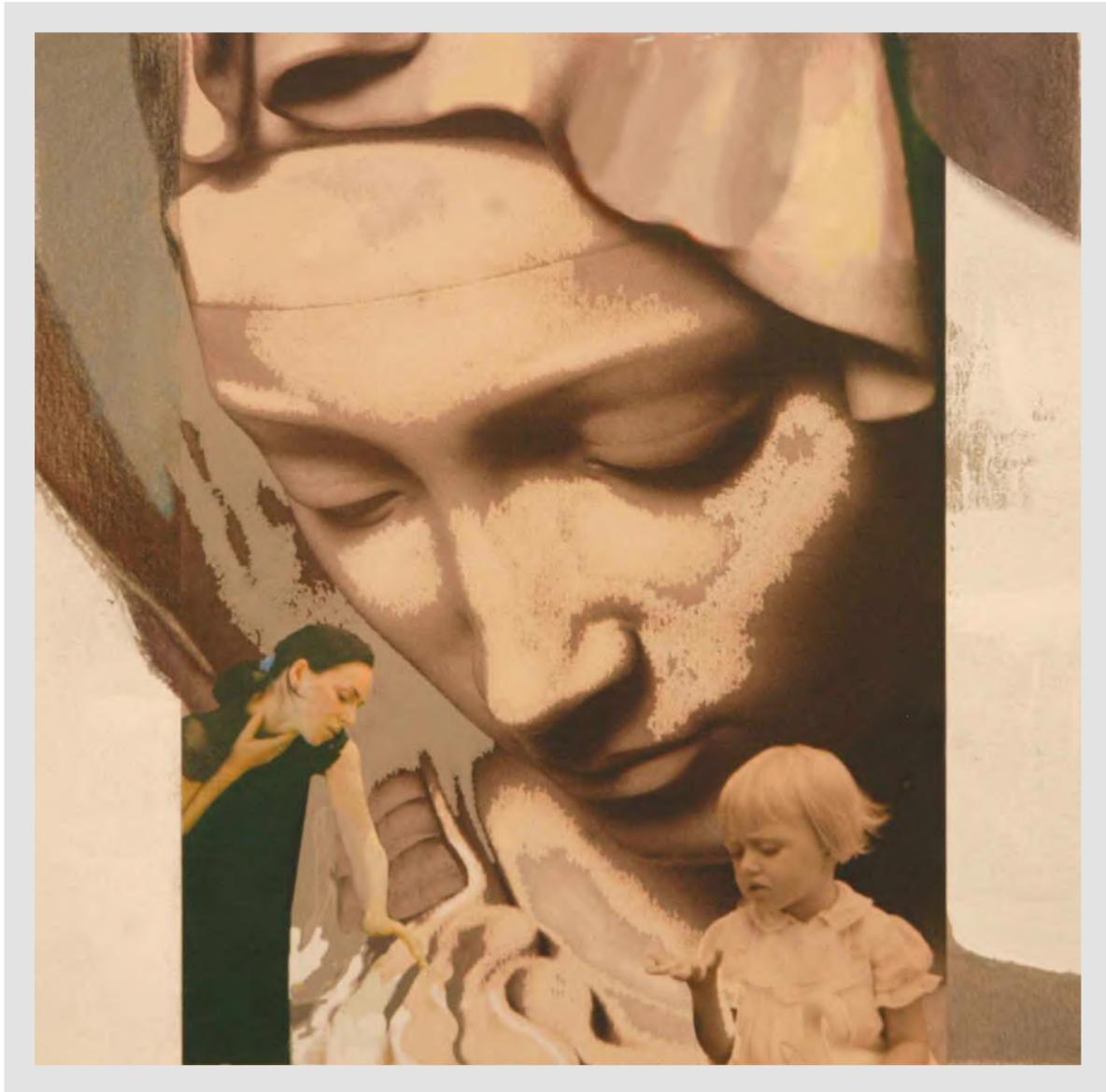
Imagens utilizadas: Giuseppe Pellizza Da Volpedo, *Il quarto stato* – 1901, óleo sobre tela / 293cm x 545cm. Associated Press, Folha de São Paulo, 1ª página, de 22 set. 2001, com a legenda: “Paquistaneses e refugiados afegãos bloqueiam estrada em Karachi (sul do Paquistão) em protestos ao apoio do governo local aos EUA, nos quais quatro morreram”.



Beslan – 2004

Acrílica sobre tela / 160cm x 160cm

Pintura pelo cerco escolar em Beslan, Ossétia do Norte, em 1º de set. 2004, que durou três dias e terminou com a morte de pelo menos 334 pessoas, sendo 186 crianças.



Olhares – 2007

Foto e lápis aquarela sobre papelão / 40cm x 40cm

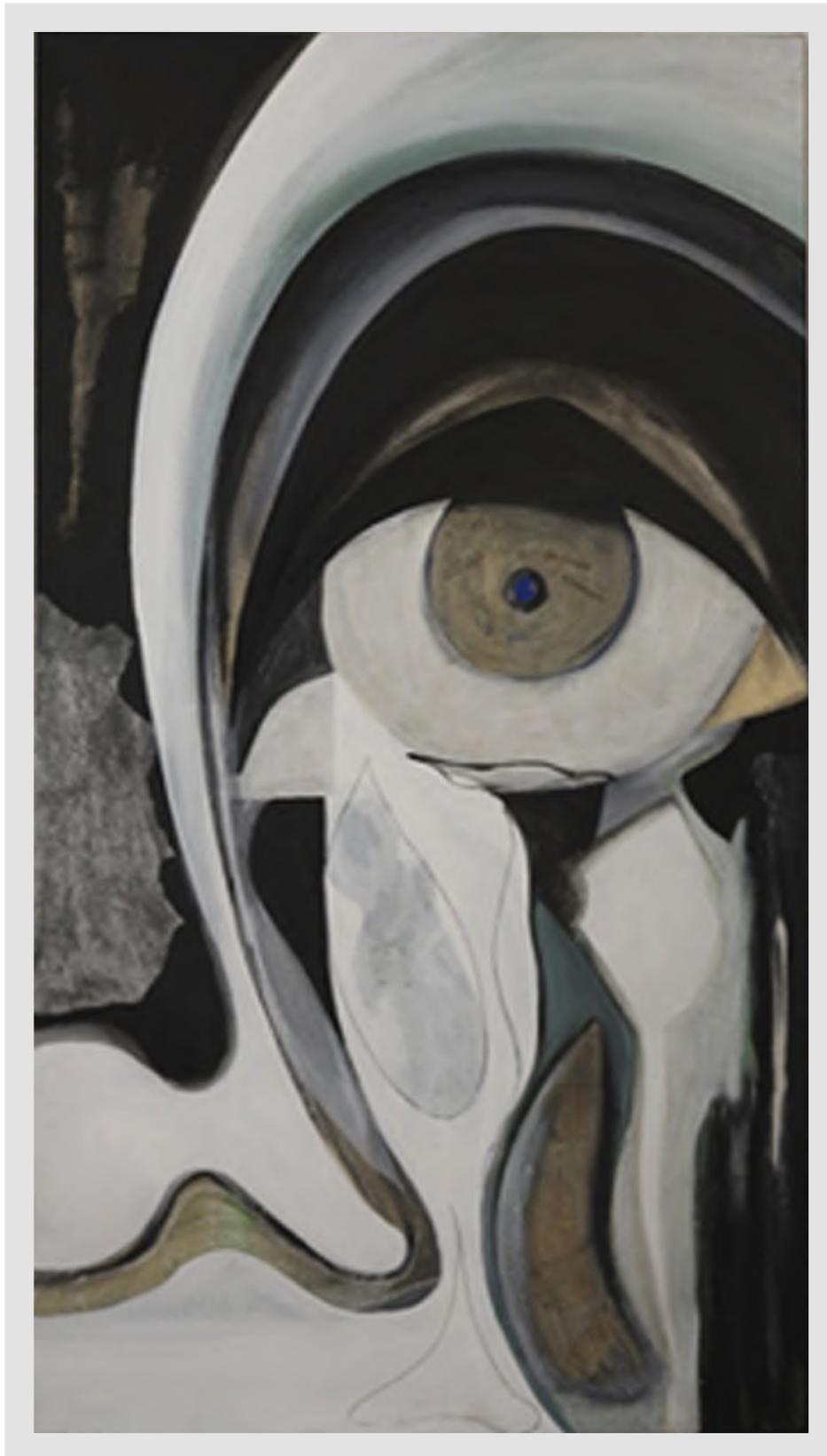
Fotos da artista menina, Pietá e mãe em Ossétia, acervo Folha de São Paulo, 03/09/2004, Sergei Karpuklin/Reuters.



Duplos V – 2008

Peças 14,5cm x 9cm, número variado

Fotos digitalizadas impressas sobre acetato e prensadas em peças de vidro.



Lágrima II – 2009

Acrílica sobre tela / 110cm x 70cm



Inverossímil – 2020

Pilot e grafite sobre papel / 21cm x 29,7cm

Trabalho realizado na quarentena da Covid-19.



Solo fecundo – 2021

Painel, acrílica sobre tela / 160cm x 350cm

Trabalho realizado durante a quarentena da Covid-19 e entregue à Brigada Nacional Joaquin Piñero – Movimento Sem Terra (MST), para ficar junto às mulheres e homens que constroem a profecia bendita de um país solidário. Atualmente está sob a guarda da Escola Nacional Florestan Fernandes, em São Paulo.